

Professores de EBD, a quem poderei compará-los?

Leandro Santiago Emmerick¹

RESUMO

O artigo discute o papel do professor da Escola Bíblica Dominical (EBD) a partir do uso de figuras imagéticas, defendendo que comparações e metáforas facilitam a compreensão, o engajamento e a aprendizagem. Inspirado no ensino de Jesus por meio de parábolas, o autor compara o professor de EBD a cinco profissões: agente penitenciário, garçom, guia turístico, jardineiro e psicólogo. Cada comparação evidencia atitudes pedagógicas inadequadas ou desejáveis no ensino bíblico. O professor-agente penitenciário prioriza o controle e a disciplina excessiva, inibindo o diálogo e o pensamento crítico, o que compromete a aprendizagem. O professor-garçom, embora cordial, trata o aluno como cliente, limitando seu crescimento espiritual e intelectual. O professor-psicólogo valoriza excessivamente o bem-estar pessoal e as experiências individuais, correndo o risco de reduzir a Bíblia a um manual de autoajuda. Em contraste, o professor-guia turístico e o professor-jardineiro são apresentados como modelos ideais. O primeiro orienta os alunos com objetivos claros, conduzindo-os à compreensão profunda da Palavra. O segundo reconhece que o crescimento vem de Deus, mas cuida do ambiente de aprendizagem, acompanha o desenvolvimento dos alunos e adapta estratégias conforme suas necessidades.

PALAVRAS-CHAVE

Educação Cristã;
Escola Bíblica; Didática;
Metodologias; Ensino.

O uso de figuras imagéticas² “*está nas bases da cognição e toda comunicação passa por algum tipo de processo metafórico*”³. O princípio básico da comunicação é que o emissor envie sua mensagem de forma clara para o receptor, e este a receba sem ruídos ou sem perda de informação. Nesse processo, o uso de figuras imagéticas auxilia o entendimento de conceitos complexos, o desenvolvimento da capacidade cognitiva e um maior interesse do ouvinte. No livro *As Parábolas de Lucas*, Bailey⁴ afirma que uma parábola é mais que uma ilustração elucidadora de uma verdade abstrata, é, na realidade, uma confrontação dramática que obriga a mente a sair de seu conforto para inúmeras direções e reagir.

Assim, neste artigo, inspirado pela pergunta de Jesus diante dos galileus (Mt 11.16) proponho algumas comparações entre os professores de Escola Bíblica Dominical (EBD) e algumas profissões comuns em nossos dias de modo a explicitar algumas atitudes equivocadas

¹ O autor é mestre e doutor em Biologia Celular e Molecular pelo Instituto Oswaldo Cruz (IOC-Fiocruz). É professor de Educação Cristã do Seminário Teológico Evangélico Betel Brasileiro em Niterói/RJ e ministro de Educação Cristã na Primeira Igreja Batista em Santa Luzia (São Gonçalo/RJ). E-mail: leandrosemmerick@gmail.com. Agradeço ao colega Wellington da Silva Barbosa pela revisão e incentivo.

² Figuras imagéticas são um grupo de figuras de linguagem, do qual pertencem a comparação, imagem, metáfora e alegoria, que visam despertar e provocar a imaginação do leitor.

³ LEGROSKI, Marina Chiara. **Definindo metáfora**. Revista Polidisciplinar eletrônica da Faculdade de Guairacá, v.2., dez 2009., p. 16

⁴ BAILEY, Kenneth E. **As parábolas de Lucas**. São Paulo – SP: Editora Vida Nova. 1985. 3ª edição.

por parte dos professores e incentivar atitudes que contribuam melhor para a aprendizagem dos alunos. Qual delas você acredita que mais se assemelha ao trabalho do professor de EBD?

I. O agente penitenciário

O agente penitenciário é responsável por “manter a ordem, disciplina, custódia e vigilância a detentos, além de serviços de natureza policial como apreensões de ilícitos, revistas pessoais, controle de rebeliões, assim como em movimentações diversas” (JusBrasil, 2016).

De forma simplificada, o professor que mantém seus alunos em sala de aula, sobre rígida disciplina, controlando suas necessidades fisiológicas (idas ao bebedouro e ao banheiro), fiscalizando seu comportamento, monitorando conversas paralelas, apreendendo celulares e outros objetos, age como um agente penitenciário. A aprendizagem é quase nenhuma e os alunos anseiam pelo fim da aula, quando terão sua liberdade condicional – afinal, voltarão na semana seguinte. Os alunos desse tipo de professor geralmente são crianças, que foram trazidas pelos seus pais à classe, mas que não gostariam de estar ali. Muitas vezes adultos também se submetem a esse tipo de professor, pois foram coagidos pela liderança a frequentar a EBD ou foram convencidos de que é melhor participar desta classe do que fazer outra atividade não eclesialística no mesmo horário.

Michel Foucault aponta que na sociedade moderna o poder deixou de ser centralizado no rei para estar disperso na sociedade, deixou de ser punitivo para ser produtivo. Ou seja, ele desenvolveu o conceito de poder disciplinar, um tipo de poder cujo objetivo é produzir uma individualidade, e um corpo que seja dócil e útil economicamente⁵. Antes o soberano era evidenciado, exercendo domínio sobre seus súditos; mas na sociedade moderna, o cidadão é evidenciado e sobre ele incide a disciplina⁶.

Infelizmente, essa atitude se verifica em muitas classes de EBD. Os alunos foram adestrados a concordarem em tudo com seus professores, de modo que discordar e fazer perguntas atrapalha o andamento da classe, e aquele que o faz é evidenciado, sofrendo repressão (ainda que discreta) pelos seus próprios irmãos e, muitas vezes, pelo professor. Assim, os alunos de uma classe de EBD aprenderam a concordar com tudo, passando despercebidos, portanto, sem sofrer nenhuma sanção – e, infelizmente, com um aprendizado muito pequeno.

No entanto, essa atitude está na contramão da aprendizagem. A exposição de ideias contrárias, em primeiro lugar, evidencia as concepções que o aluno tem sobre determinado tema.

⁵ DIOGO, Adriana Mendes; SAITO, Mairin Imoto. **O poder disciplinar de Michel Foucault**. Algumas interpretações. Lab Didático - USP ensina Sociologia, 2014.

⁶ PANIAGO, Maria de Lourdes Faria dos Santos; FERNANDES, Eliane Marquez da Fonseca. **O corpo educado**. A escola como dispositivo disciplinador na sociedade de controle. REDISCO. Vitória da Conquista, v. 2, n. 2, 2013 p. 68-77

Sem essa informação o professor não gastará tempo em desconstruir ideias equivocadas e tão pouco em provar seu argumento, mas apenas apresentará um ponto de vista.

Em segundo lugar, ao expor uma ideia contrária um debate está armado. Através do debate, os alunos podem exercitar a criatividade, o raciocínio lógico e a quebra de paradigmas⁷, bem como construir habilidade argumentativa, tornando-os, mais ativos na sociedade e na igreja e dispostos a discutir questões das mais diversas áreas⁸.

Um debate é uma metodologia ativa de aprendizagem. Métodos ativos são de grande ajuda, pois tiram os alunos do lugar de meros espectadores e consumidores para o lugar de ação na construção do seu conhecimento. Além disso, o uso de métodos ativos aumenta a motivação dos alunos, é paciente com os ritmos de aprendizagem dos alunos, dialoga com a realidade de cada aluno, favorece o trabalho em equipe, incentiva a criatividade e inovação, torna o professor mais sensível e retira-lhe a altivez de sua posição⁹. A esse respeito, Hendricks¹⁰ afirma em sua “Lei da atividade: quanto maior o nível de envolvimento no processo de aprendizagem, maior o volume do conteúdo aprendido”.

II. O garçom

“O garçom é o profissional que recebe e guia os clientes até suas mesas, apresentando o cardápio, anotando os pedidos e servindo os alimentos; ele proporciona uma experiência agradável e precisa estar atento às necessidades dos clientes” (Quero Bolsa, 2023 – garçom).

Esse tipo de professor entende que a razão dele existir é o aluno. Tudo gira em torno do aluno: ele precisa se sentir bem, ter “uma experiência agradável”. Ele chega antes, arruma a sala, é paciente e cortês e tem sua sugestão para a aula. Os alunos gostam desse professor, afinal quem não gosta de ser servido? Porém, o professor cristão não é servo de seus alunos, mas de Cristo (1 Pe 2.9; 2 Pe 1.1). É verdade que o serviço a Deus é exercido em grande parte no serviço às pessoas (Mc 10.45; 1 Pe 5.2-3; 1 Pe 4.10-11), mas sob as ordens e direção de Deus (At 5.29). E, ao alimentar uma postura de cliente (daquele que é servido) em seus alunos, o professor garçom contribui não para o crescimento, mas para a estagnação de seus alunos – “quem quiser tornar-se grande entre vocês, que se coloque a serviço dos outros” (Mt 20.26).

⁷ SHIPLEY, C. M.; CANN, M.M.; HILDEBRAND, J.; MITCHEL, G.T. **Síntese de métodos didáticos**. Porto Alegre – RS: Globo, 1969.

⁸ UNIVERSIA. **Professor desenvolva a criticidade de seus alunos**. Universia, Orientação acadêmica, 15 abr 2020. Disponível em: <https://www.universia.net/br/actualidad/orientacion-academica/professor-desenvolva-criticidade-dos-seus-alunos-1136597.html>. Acesso em: 14 jan 2024

⁹ DIESEL, Aline; BALDEZ, Alda Leila Santos; MARTINS, Silvana Neumann. **Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica**. Revista Thema vol 14, nº 1, pág. 268 a 288. 2017.

¹⁰ HENDRICKS, Howard. **Ensinando para transformar vidas**. Curitiba – PR: Editora Betânia. 2015. 2ª edição.

Muitas vezes os alunos discordam da lição a ser estudada, aí, este professor argumenta: “eu concordo com você, mas sou apenas um professor. Se não está satisfeito reclame com o pastor. É ele que escolhe a revista”. Em outras palavras: “Quer que chame o gerente? Eu sou apenas o garçom”. O professor garçom não prepara o conteúdo que oferece, ele apenas o transporta. Ele não despendeu tempo e energia no preparo do estudo, o estudo não confrontou suas atitudes ou o encorajou a viver a fé. Não. Ele apenas transmite aquilo que foi vivenciado por outro. Ensinar para muitos desses professores se resume a ler a revista e os textos bíblicos na hora da aula. Contra isso, Paulo exorta os mestres: “o que ensina, esmere-se no fazê-lo” (Rm 12:7 ARA).

Voltando a questão das metodologias ativas, o professor garçom dificilmente passa tarefas de casa ou escala um aluno para dar a aula em seu lugar. De jeito nenhum, não é assim que se trata o cliente. Ao invés de estimular, ele dificulta o acesso do aluno ao conteúdo. O aluno deixa de “comer em casa, afinal ele não sabe cozinhar direito, demora muito e suja tudo, e passa a se alimentar apenas no restaurante”. O professor fica cada vez mais num patamar difícil de alcançar – apenas ele cresce e não seus alunos. O ego do professor garçom é alimentado e a autoestima dos clientes é destruída. “Eu nunca conseguirei dar uma aula como meu professor”, pensa o aluno. E isso se reflete no restante das atividades da igreja. Se ele não pode dar uma aula, também não pode atuar na secretaria, tesouraria, louvor e demais ministérios. Assim, o corpo que deveria crescer unido fica desfigurado e, muitas vezes, o orgulho alimentado nesse professor é o prenúncio de sua queda (Pv 16.18).

III. O guia turístico

Se você já teve a oportunidade de visitar um local turístico sem um guia e depois refez o passeio com um bom guia turístico, acredito que irá entender bem essa comparação. “Um guia de turismo é responsável por fornecer informações sobre a história, geografia, cultura, gastronomia e outras características do lugar visitado, de forma a enriquecer a experiência do turista. Ele deve estar sempre atualizado sobre as novidades e eventos da região, bem como possuir habilidades de comunicação e liderança para garantir que o grupo de turistas tenha uma experiência agradável e segura durante todo o passeio.” (Quero Bolsa, 2023 – guia de turismo).

O aluno desse tipo de professor entende que o professor não é o mais importante, e sim o conteúdo. Ele poderia ler a Bíblia sozinho em casa, mas prefere estar com seu professor, pois, assim, aprende muito mais, percebe detalhes que dificilmente veria sozinho, faz conexões que extrapolam o texto estudado, recebe orientações para ampliar sua experiência de aprendizado. Esse tipo de professor sabe ouvir o aluno e está atento as suas dúvidas, mas também sabe o que é mais interessante e importante, e guia seu aluno a olhar na direção certa. Ele mescla momentos de falar

com períodos em que os alunos observam por conta própria o texto bíblico. Ele não é apenas simpático, mas é um conhecedor do assunto e admirador da Palavra de Deus.

Coleman Jr.¹¹ exemplifica o papel do professor da seguinte maneira:

O professor serve de guia, ele mostra o caminho, coloca o aluno na trilha certa, informa-o quando ele envereda pelo caminho errado, chama a sua atenção para os pontos de referência e leva-o a sentir-se satisfeito quando chega ao destino... Ele não diz ao visitante: 'Sei tudo sobre esta cidade; já você a desconhece por completo. Por isso, fique aqui, que eu a visito por você'... O professor não diz: 'Olhe, sei muito sobre a Bíblia e você sabe muito pouco. Então, deixe que eu estudo e aprendo, e quando formos estudá-la juntos eu lhe conto o que sei'... O guia, com frequência, diz coisas como: 'Não, não vamos seguir por aquela rua; sigamos por esta.' Quando ao preparar uma lição, o professor decide-se por uma determinada meta de ensino/aprendizagem, ele está dizendo na realidade: 'Tomaremos este rumo na aula de hoje, e não aquele outro.' A seleção de metas faz parte da sua função de guia".

O professor guia não apenas apresenta uma verdade aos seus alunos, ele escolhe o melhor caminho para que essa verdade seja plenamente entendida, apreendida e praticada por cada um.

No salmo 25, Davi faz alusão ao Senhor como um guia e relaciona isso com a função de professor: "Mostra-me, Senhor, os teus caminhos, ensina-me as tuas veredas; guia-me com a tua verdade e ensina-me, pois, tu és Deus, meu Salvador, e a minha esperança está em ti o tempo todo... Conduz os humildes na justiça e lhes ensina o seu caminho" (Sl 25.4-5, 9, *grifo pessoal*).

Perdida no País das Maravilhas, Alice¹² pergunta ao gato qual caminho seguir e o gato responde "se você não sabe onde quer ir, qualquer caminho serve". Assim agem muitos professores nas igrejas: leem uma passagem bíblica e deixam a turma guiar as discussões, sem chegar a lugar nenhum e sendo surpreendidos pelo término do horário da aula. Mas o professor Guia turístico tem objetivos bem definidos. Quem visita o Rio de Janeiro, precisa conhecer o Cristo Redentor e a praia de Copacabana; e é impossível turistar em Brasília sem conhecer a Praça dos Três Poderes. Ainda que faça desvios para atender um ou outro pedido do turista o objetivo principal é sempre cumprido. De modo semelhante age este professor. Ele define um objetivo e este vai dirigir todas as suas atividades didáticas.

Como diz Coleman Jr.¹³:

"Em toda situação de ensino da Bíblia devemos estar esperando que algo definido aconteça em consequência da aula... Existe alguma razão para que o estudo da Bíblia não alivie tristezas, aquiete ansiedades, renove a esperança, dissipe temores, destrua ídolos e leve o povo de Deus a servir como servos? Não, não há nenhuma razão para estas coisas não acontecerem. Contudo outra

¹¹ COLEMAN Jr., Lucien E. **Como Ensinar a Bíblia**. Rio de Janeiro – RJ: Editora JUERP. 1989. 2ª edição. p. 18.

¹² CARROLL, Lewis. **Alice no país das maravilhas**. Porto Alegre – RS: L&PM, 1998. 172 p. il.

¹³ *Ibidem*, 1989, p. 110.

pergunta se evidencia: ‘Estamos empenhados em ensinar de tal forma que elas aconteçam?’”.

IV. O jardineiro

Para a maioria dos brasileiros, esta é uma profissão que só vemos em programa de televisão ou em revistas de decoração. Ser jardineiro é mais que ter uma linda rosa do deserto em casa ou um quintal com grama. “Um jardineiro prepara o solo, analisando suas características e realizando os ajustes necessários... O jardineiro deve monitorar cuidadosamente o nível de umidade do solo e ajustar a frequência e quantidade de água de acordo com as necessidades específicas das plantas... o jardineiro realiza a poda e a manutenção regular das plantas... [que] é essencial para controlar o crescimento e estimular a floração” (Quero Bolsa, 2023 – jardineiro).

O professor jardineiro sabe que “nem o que planta nem o que rega são alguma coisa, mas unicamente Deus, que efetua o crescimento” (1 Co 3.7). Ele fornece os meios necessários (Bíblia, explicações, aplicações...), mas depende de Deus para convencer seus alunos “do pecado, da justiça e do juízo” (Jo 16.8). Ele prepara os alunos para o ensino do dia, traz lições relevantes no momento certo, estimula o desejo de crescer espiritualmente, desconstrói conceitos errados e conduz à maturidade cristã. O aluno sente-se cuidado, orientado e desafiado a frutificar. Ele não percebe em seu líder soberba ou arrogância, mas amor e dependência da graça de Deus.

Lucien Coleman Jr.¹⁴ faz a seguinte comparação:

Ensinar assemelha-se muito a prática da jardinagem. O jardineiro preocupa-se com o crescimento das plantas; o professor preocupa-se com o crescimento de pessoas. O jardineiro sabe estimular o potencial de crescimento que existe na semente; o professor sabe liberar o potencial de crescimento que existe no aluno. O jardineiro cuida bastante do ambiente que envolve suas plantas: ele propicia grande quantidade de luz solar, elevado teor de umidade e de nutrientes do solo. O professor propicia o clima que favorece o crescimento pessoal. Mais importante ainda é que tanto jardineiros quanto professores são ‘cooperadores de Deus’... O que se aplica a jardinagem se aplica também ao ato de ensinar. O professor que ignora princípios fixos de didática é como o jardineiro que planta tomates em meio à neve no inverno, esperando colher em vinte dias”.

Existe uma outra característica muito importante no professor jardineiro. Ele acompanha o crescimento de seus alunos, em outras palavras, ele os avalia. Ele não apenas aduba, lança a semente e rega; mas, está atento a todas as fases do crescimento. Se um aluno não se desenvolve como deveria, ele o acompanha de perto, muda as estratégias de ensino, fica com ele depois da aula. As necessidades nutricionais de cada planta são diferentes, bem como de cada aluno. Talvez determinado aluno precise entender melhor uma doutrina, outro não sabe como aplicá-la no seu

¹⁴*Ibidem*, 1989, p. 20

lar, e ainda outro acredita que isso não é relevante para ele. Como saber se a aula foi bem-sucedida, se alcançou-se os objetivos propostos sem uma avaliação? Através dela, as carências nutricionais são identificadas e pode-se agir pontualmente na resolução de problemas.

Como professor jardineiro por excelência, Jesus fez isso: “Conheço as suas obras, o seu trabalho árduo e a sua perseverança... Contra você, porém, tenho isto: você abandonou o seu primeiro amor. Lembre-se de onde caiu! Arrependa-se e pratique as obras que praticava no princípio...” (Ap 2.1-7). Jesus avaliou sua igreja e direcionou o que era necessário ela fazer. Lembrando que cada igreja recebeu uma avaliação diferente e orientações diferentes.

V. O psicólogo

De acordo com o blog vida saudável: “O psicólogo trabalha com o [...] desenvolvimento pessoal. Aqui, a terapia colabora para que você tenha um maior autoconhecimento sobre os próprios objetivos, sejam eles íntimos ou profissionais... ele trabalha o seu bem-estar emocional e psicológico”¹⁵. O professor psicólogo valoriza bastante as experiências pessoais. Ele ouve os alunos, busca o bem-estar deles, dá orientações para uma vida mais equilibrada e auxilia seus alunos a realizarem seus objetivos. A Bíblia é usada mais como um livro de autoajuda e a classe tem clima de terapia em grupo.

O problema aqui é que o convite bíblico não é “olhem para si mesmos”, mas “olhem para o Senhor” (Is 45.22); não é “ame a si mesmo”, mas “ame ao Senhor e ao seu próximo” (Mt 22.36-40). Para viver o evangelho de Cristo é necessária renúncia (Lc 9.23), mortificar a carne (Rm 8.13), diminuir (Jo 3.30) e disposição de perder a própria vida (Lc 9.24). Muitas vezes a santificação, a glória de Deus e a unidade do corpo de Cristo são colocados em segundo plano e o bem-estar pessoal ocupa a primazia. Aqui outro fenômeno religioso se coloca como uma armadilha para esse tipo de professor: a teologia do coaching. Segundo Alexandrino¹⁴ (Teologia brasileira, 2021), ela é pior que a teologia da prosperidade, uma vez que esta coloca em Deus a esperança de prosperidade material, mas aquela torna Deus um mero espectador do sucesso do homem. Pedro Pamplona¹⁵, teólogo que cunhou o termo, afirma que essa teologia tem como tripé o humanismo, materialismo e ceticismo, filosofias contrárias a doutrina cristã, onde o homem assumiu o trono e busca sucesso material sem a dependência de Deus.

Considerações finais

As cidades estão sob o olhar de Deus, porque Ele tem um plano específico para o contexto urbano do mundo em que vivemos. Deus almeja que as cidades sejam percebidas,

¹⁵ Blog Vida Saudável, 2022).

contempladas e amadas à maneira como Ele as vê e as ama, e essa visão revela a profunda missão que nos foi confiada: enxergar as cidades com os olhos do coração divino, reconhecendo nelas lugares de potencial, esperança e transformação. A missão urbana é feita por meio da Igreja de Cristo “Vós sois o sal da terra; se o sal perder o sabor, como lhe restaurar o sabor? Para nada mais presta, a não ser para ser lançado fora e pisado pelos homens. Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte; nem se acende a candeia para colocá-la debaixo do alqueire, mas no velador, e ilumina a todos os que estão na casa. Assim brilhe a luz de vocês diante dos homens, para que vejam as suas boas obras e glorifiquem ao Pai de vocês, que está nos céus.” (Mt. 5.13-16). Que possamos nos comprometer em ser uma bênção urbana, em meio a um contexto tão hostil, porém, carente da misericórdia de Deus.

O artigo foi recebido em: 02/10/2025 e aprovado em: 15/10/2025.

Referências bibliográficas

- BAILEY, K. The Mission of God: Unlocking the Bible's Grand Narrative. Downers Grove: InterVarsity Press. 2000. p. 214.
- BOSCH, D. J. Transforming Mission: Paradigm Shifts in Theology of Mission. Maryknoll: Orbis Books. 1991. p. 390.
- FERREIRA Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário de etimologia da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- HOUAISS, Antônio. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, 2001
- KELLER, Tim. Quando Deus olha para a cidade. 1993, p.19
- LYRA, Sérgio Paulo Ribeiro. Cidades do Interior. Editora Betel Publicações, 2015. p 17.
- LEWIS, C. short, & Short, C. (1879). A Latin Dictionary. Oxford: Clarendon Press. p. 418.
- LOPES, Hernandes Dias. A Igreja de Cristo: essência e missão. São Paulo: Igreja Cristã Evangélica, 2014, p. 45.
- MENDES, Marcos. Igreja e cidade: vocação e missão. Ultimato, 2020, p. 11, 12, 14
- PETERS, George W. O Evangelho Eterno. Grand Rapids: Eerdmans, 1954, p. 29.
- RAMOS, Ariosvaldo. Ação da Igreja na Cidade. São Paulo, SP. 2009, p.9
- STOTT, John. A Igreja Viva: Convicções de um Pastor para Toda a Vida. Downers Grove: InterVarsity Press, 1990, p. 119.
- SCHULTZ, Samuel J..The Prophets and Their Writings, 1954, p. 102
- WRIGHT, Christopher J. H. A Missão de Deus: Desvendando a Grande Narrativa da Bíblia. Grand Rapids: Zondervan, 2006, p. 124.